

FALCÃO, Marino. Eles vieram de longe. Diário do Povo,
Campinas, 23 mar. 1961.

ÊLES VIERAM DE LONGE

Diário do Povo $\frac{23}{3}$ 61 Marino Falcão

O que ia morrer balbuciava, no leito de enfermo, as suas reminiscências. Projetava o espírito, ainda lúcido, para o passado distante, evocando os dias da mocidade.

A seu lado, debruçado sobre o leito, o filho extremoso ia gravando todos os pormenores da fascinante saga paterna. E certificava-se cada vez mais de que o velho tinha razão quando afirmava: "Filho, a minha vida é um romance". Sim, sem dúvida, a existência daquele homem combalido de 84 anos possuía a densidade de um autêntico romance.

Por isso foi que José Sevá resolveu, depois que sobreviveu o amargo fim, quando as cicatrizes do luto ainda estavam abertas e doloridas, perenizar no papel a história de seu pai, lembrando-se, por certo, da frase de Cícero segundo a qual "a vida dos mortos consiste na memória dos vivos".

O velho nascera na Itália, na formosa região do vale do Pó. Ali vivera os dias despreocupados da infância. Aos 16 anos, todavia, sentiu-se impelido por insopitável impulso aventureiro e resolveu tentar a sorte em terras distantes.

Ele, como tantos outros, deliberou cruzar as águas atlânticas e vir trabalhar no Brasil. O século XIX aproximava-se do final. Nosso país, e particularmente o Estado de São Paulo, abria perspectivas largas à operosidade dos imigrantes. Estes acorriam, em levadas numerosas, procedentes sobretudo da Itália, para a nova Canaã que florescia sob as bênçãos do Cruzeiro do Sul.

Não há negar: êles vieram de longe.

Foi êste, aliás, o título escolhido por José Sevá para o livro que a Editora Livraria João Amêndola lançou, em edição de muito bom gosto.

A história é simples, pois conta, com sinceridade, a vida de um homem simples. De um homem que, muito jovem, tomou um navio chamado "Europa" e cruzou o oceano em busca da felicidade que se obtém pelo trabalho. Era um novo Jasão procurando o Velocino.

Veio aportar em Santos e rumou para o interior de São Paulo. Aqui se pôs a trabalhar, humilde e tenazmente, no cabo da enxada, sob a soalheira tropical a que não estava acostumado. Trabalhou e, pouco a pouco, foi obtendo a felicidade que buscava. Constituiu família, a prole numerosa foi surgindo e a vida se foi apresentando mais favorável.

Nesse entretempo, numerosos incidentes, alguns pitorescos, outros emocionantes, vão sendo relatados. O livro divide-se em 46 capítulos, obedecendo à melhor técnica de romance, o que torna a leitura leve e agradável.

Não pretendo fazer, nestas breves linhas, crítica ou exegese literária. Quero simplesmente ressaltar que o livro de José Sevá foi escrito com o mais profundo amor filial, sentimento que é vislumbrado ao longo de todas as suas páginas, sobretudo nas últimas, quando descreve o pai agonizante, vendo a sucessão episódica dos dias idos e vividos a desfilar, como num caleidoscópio, à feição daquele delírio machadeano do Braz Cubas.

Percebe-se na obra que José Sevá em momento algum descurou aquela recomendação sábia do grande Joaquim Nabuco: "Nada deixai entrar em vossa frase que não vos tenha passado pelo sentimento, que não possua alguma coisa de vós".

Bem por isso, creio que nenhum merecimento sobreleva no livro recém-editado a circunstância de ser êle o espelho puro e cristalino de um profundo amor filial. Pois o amor é o que imprime maior força às criações de um escritor. Não há expressão onde não houver emoção ou amor.

Tudo que é feito com amor obtém perenidade.

Resiste ao tempo e aos contratempos.

Permanece.

"Aere perennius".